

Romana Valente Pinho

O Essencial sobre Agostinho da Silva

Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2006. 95 p.

&

Religião e Metafísica no Pensar de Agostinho da Silva

Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2006. 476 p.

Visão analítica e plural sobre o pensamento de Agostinho da Silva

1. Introdução

Romana Valente é autora dos dois estudos biográficos e teóricos mais completos até hoje publicados sobre a totalidade do pensamento de Agostinho da Silva: *O Essencial sobre Agostinho da Silva*, e *Religião e Metafísica no Pensar de Agostinho da Silva*, ambos publicados em 2006. Com efeito, do seu conteúdo ressalta menos o encontro entre as ideias próprias e a obra de Agostinho da Silva e mais um escrúpulo de obediência ao conteúdo específico dos textos deste filósofo. Muito mais bem informados dos que as três biografias pioneiras de Artur Manso,¹ ambos os livros de Romana Valente Pinho consolidam uma visão plural e analítica da obra de Agostinho da Silva, divorciando-se assim, através de uma perspectiva multidimensional do seu pensamento, das visões pedagógica (Maria Helena Briosa e Mota e Margarida Larcher Santos Carvalho),² culturalista (Renato Epifânio),³ espiritualista (Paulo Borges),⁴ racionalista (João Maria de Freitas Branco),⁵ católica (Maria Teresa Castro),⁶ esotérica (Elizabeth de Almeida Ellys)⁷ e Sapiencial (José Florido),⁸ em que se divide actualmente a Fase Analítica da recepção da obra de Agostinho da Silva.⁹

Se em *O Essencial...* a autora espelha nos diversos capítulos a pluri-dimensionalidade da vida e obra de Agostinho da Silva, no segundo livro, a sua tese de mestrado, explorando do mesmo modo a totalidade das vertentes culturais, pedagógicas, existenciais, filosóficas e religiosas de Agostinho da Silva, subordina-as, porém, a uma linha única, considerada, no seguimento do pensamento do mentor da tese, Paulo Borges, a bissectriz fundante do

pensamento de Agostinho da Silva – o sentido de espiritualidade, postulado e demonstrado como sumo vector do seu pensamento: “O objectivo maior da obra agostiniana é a espiritualidade, a saber, a religião e a metafísica.”¹⁰

2. *O Essencial sobre Agostinho da Silva*

Com efeito, sem perder nunca o fito da espiritualidade como sentido último, a autora demarca claramente na “Introdução” a *O Essencial...*, e em harmonia com o livro maior, a visão pluridimensional apresentada: “... o pensamento e a obra de Agostinho da Silva não se circunscrevem somente a uma ou outra orientação. Sendo assim, salientaremos a pluridimensionalidade da sua intervenção cultural, na medida em que abordarmos as vertentes socio-pedagógica, ético-política e filosófico-religiosa como fundos estruturais de toda a sua especulação e acção. Na verdade, se quisermos definir, em essência, a participação agostiniana no século XX português e brasileiro, teremos que assumir inapelavelmente a sua multiplicidade. Porventura, essa é a sua maior essência.”¹¹ Neste sentido, Romana Valente Pinho realça os estudos de filologia clássica do estudante e doutorado Agostinho da Silva, bem como, num segundo momento, a vinculação deste autor, menos ao ideário político da revista oposicionista ao Estado Novo, *Seara Nova*, e mais ao ideário pedagógico de António Sérgio, evidenciando a faceta de “educador” de Agostinho da Silva entre o final da década de 20 e o ano de 1944, data da sua partida para o Brasil. Assim, Agostinho da Silva, na esteira de Sérgio, teria sido um dos apóstolos da Escola Nova em Portugal. Porém, enquanto Sérgio submete a sua teoria educativa ao primado da razão, fundamento filosófico da organização democrática da sociedade, Agostinho da Silva, de mente religiosa, transcende este primado da razão analítica clara e distinta, fundamentando o seu apostolado cívico, cultural e pedagógico num ideal religioso comunitário, tendo como alicerce, primeiro, os conceitos helénicos de Verdade e Beleza, e, depois, o conceito-sentimento do Amor cristão, remissor da Dor, do Pecado e da Morte. *O Cristianismo* (1942) e *Doutrina Cristã* (1943), opúsculos de Agostinho da Silva, enfatizam a vertente espiritualista do pensamento de Agostinho da Silva, inexistente em Sérgio senão como ideal laico ou civil. Como Romana Valente Pinho sublinha, o que em Sérgio se trata de uma questão meramente social, em Agostinho torna-se uma questão espiritual: “Aquilo que, antes, e primordialmente, era uma questão social, passa (...) a ser religiosa e espiritual.”¹²

Integrando o pensamento de Agostinho da Silva nos traços fundos da cultura portuguesa, Romana Valente Pinho evidencia que a leitura deste, em-

bora se encontre no estrangeiro e critique a política portuguesa do Estado Novo, é oposta à “postura ‘estrangeirista’” (p. 49). Neste aspecto, realça a nova visão historiográfica de Agostinho da Silva, meditada no Brasil e vazada em dois livros dos finais da década de 50: *Reflexão à Margem da Literatura Portuguesa e Um Fernando Pessoa*. Nestes, emerge o privilégio atribuído a um Portugal medieval e católico enquanto sociedade comunitária, gregária, descentralizada, municipalista, simbolizada não já pelo “Reino de Deus” na Terra em torno de Cristo, mas em torno do Espírito de Deus ou do Espírito Santo representado pela coroação do menino nas festas do Espírito Santo da Rainha Santa Isabel. Porém, esta vertente espiritual de Agostinho da Silva, coberta de teses “teológico-filosóficas” (p. 54) não deixa de possuir igualmente um vector político: “O Reino do Espírito Santo é também a vitória da luta contra a fome, da melhoria das condições de vida, do fim do capitalismo, da igualdade social, económica e cultural para todos os homens. A bem da verdade, quando o Reino do Espírito Santo se tornar uma realidade objectiva, os problemas da sociedade desigual e desequilibrada terão a sua solução, tão simplesmente porque os bens pertencerão cooperativa e comunitariamente a todos. Não haverá lugar para injustiças sociais, todos terão o que comer e as prisões serão desnecessárias.”¹³

Como Romana Valente Pinho demonstra, vinculando multidimensional e analiticamente a teoria histórica, cultural, social e política às ideias religiosas de Agostinho da Silva, a partir da década de 50 todo o pensamento deste autor se subordina à sua concepção de sagrado como “Deus pentecostal” (p. 57): “A experiência do Espírito é a vivência do ecumenismo. No pensamento de George Agostinho da Silva, a doutrina ecuménica é uma filosofia redentora, salvífica e unificadora: no Reino do Espírito Santo, todos os seres estão mais próximos da sua essência. Afinal, todos se reconhecem ontologicamente equivalentes, na medida em que, para além de assumirem a sua individuação, reconhecem no outro a mesmidade que os compõe. Nesse processo dá-se um acréscimo de ser e de servir. Cada ser dá ao outro aquilo que é e que tem.”¹⁴

A assunção de um pensamento teológico original, totalmente heterodoxo às instituições da Igreja Católica, embora firmado na tradição desta, afasta Agostinho da Silva tanto da tradição estrangeirada portuguesa quanto do seu antigo mestre António Sérgio, quanto, ainda, do rumo politicamente nacionalista que nas décadas de 50 e 60 percorria a denominada “Filosofia Portuguesa” de Álvaro Ribeiro e António Quadros. “Monista e ecuménica” (p. 81), a doutrina sobre Deus de Agostinho da Silva recusa a existência de um Deus absoluto, transcendente ao modo católico, ou imanente ao modo espinozista, afirmando a existência de uma divindade fazendo-se fazendo o mundo,

a história e o homem individual segundo a absoluteidade de ser tudo para se realizar como nada, despindo assim as antigas características de onipotência e onisciência e afirmando-se, essencialmente, enquanto Espírito Santo, como “imprevisível”. No final do seu livro mais pequeno, Romana Valente Pinho chama de novo a atenção para a característica de “pluridimensionalidade” da obra e da vida de Agostinho da Silva: “Em jeito de conclusão, diremos que Agostinho da Silva, *no essencial*, é um ser da pluridimensionalidade. Não só porque a sua obra ousa convocar a diversidade temática, mas também porque no seio de cada tematização busca o verso, o reverso e o transverso. Ousadia e busca que, de forma análoga, exercitou na sua própria vida.”¹⁵

3. *Religião e Metafísica no Pensar de Agostinho da Silva*

Em *Religião e Metafísica no Pensar de Agostinho da Silva*, o mais completo livro até hoje publicado sobre a obra deste filósofo e prolongando a hermenêutica plural de *O Essencial...*, Romana Valente Pinho integra o conjunto da pluralidade das vertentes do pensamento de Agostinho da Silva na dimensão mais abrangente e iluminante da espiritualidade: “A *existir* uma dimensão hermenêutica preferencial no pensar de Agostinho, ela poder-se-á caracterizar de contornos metafísico-religiosos, tão-só porque, quando todas as dimensões são confrontadas e colocadas em causa, aquilo que persiste e que perpassa todas as outras é de natureza outra: a espiritualidade, que vem acrescentar ao Homem a devoção religiosa e metafísica – ‘onde o que importa não é o exercício da política, mas o do Espírito’.”¹⁶

Neste sentido, Romana Valente Pinho detecta um inicial momento de formação do pensamento religioso e filosófico de Agostinho da Silva vinculado ao pensamento grego, substituído, a partir da década de 40, pelo ideal cristão, primeiro do comunitarismo cristão primitivo, e, já a partir da década de 50, pelo ideal de Joaquim de Fiori da Idade do Espírito Santo. Nesta mudança de paradigma religioso, a autora evidencia a importância das obras de Agostinho da Silva sobre pensadores religiosos e sobre religião, nas décadas de 30 e 40 (*São Francisco de Assis, Moisés, Buda, Confúcio, Maomet, Vivekananda...*), na adopção da Teoria do Espírito Santo como espírito agregador, harmonizador e unificador da pluralidade de doutrinas religiosas e como motor de uma religiosidade ecuménica pela qual se estatui que todos os deuses são também Deus, entificando ontológica e historicamente o catolicismo como momento preparatório e condutor da assunção universal do Reino de Deus na Terra. Neste sentido, Romana Valente Pinho propõe o termo “transantinomização” (p. 42)

para dar conta do esforço teórico e do projecto espiritual de Agostinho da Silva de modo a superar todas as “dicotomias” históricas, existenciais e metafísicas em torno da ideia da vivência de Deus, limitando estas e afastando o homem da “sua condição e essência” (*ibidem*). A “transantinomização” realça a proposta de Agostinho da Silva da instauração de “um novo modo de *ser* e de *viver* que Tudo concentre, pois que Tudo será superado. Por isso é que o nosso pensador é apologista da paradoxia. Tudo e Nada ser, pensar e viver para que o Tudo e o Nada (con)fundindo-se e confluindo-se, sejam a experiência da completude. Transantinomizar querará dizer ser *mais* do que os opostos isolada e até conjuntamente são, *estar para além* das antinomias castradoras”.¹⁷ E acrescenta a autora: “A teoria da transantinomização é uma filosofia redentora, salvífica e unificadora: no Reino do Espírito Santo, todos os seres, no seu interior, sofrerão paradoxalmente uma ultrapassagem, ou seja, tornar-se-ão mais iguais a si próprios, aproximarse-ão da sua essência. Essa transmutação consistirá na indiferenciação de tudo. Todos os seres reconhecer-se-ão ontologicamente equivalentes. Neste processo dá-se um acréscimo de ser (que é, simultaneamente, um acréscimo de servir). Cada ser dá ao outro aquilo que é e que tem. Contudo, sublinhamos que esta *trans-substanciação* é interior, no sentido em que cada ser se ultrapassa dentro de si próprio com o objectivo de se tornar um ser melhor (ou até *maior*, tal como propõe Santo Anselmo). O *Sobre-Humano*, afinal, está dentro de cada um.”¹⁸

Dividido em seis capítulos, o livro de Romana Valente Pinho, aparentemente estruturado de um modo cronológico, seguindo o itinerário bibliográfico de Agostinho da Silva, orienta-se, no entanto, de um modo mais fundo, que se evidencia como o modo por que a autora estabeleceu o sentido da vida de Agostinho da Silva, através de uma progressiva espiritualização deste até à consciente teorização final de Deus como Ser e Nada, registada no último capítulo. Neste sentido, como o título do livro indica, a bissectriz que atravessa e dá sentido ao livro de Romana Valente Pinho consiste justamente na ostentação das metamorfoses que o pensamento de Agostinho da Silva vai sofrendo até à assunção final da sua original teoria de Deus. Consultando a hoje já vasta bibliografia sobre Agostinho da Silva, detecta-se a originalidade desta proposta de Romana Valente Pinho, em conformidade aliás com a tese do seu orientador académico, Paulo Borges, que o mesmo evidencia em livro igualmente publicado em 2006.¹⁹ Porém, se, neste livro, Paulo Borges assume como um dado isolado a espiritualidade de Agostinho da Silva, a singularidade do livro de Romana Valente Pinho consiste justamente em demonstrá-lo década a década, tornando claro o percurso culturalmente multidimensional deste filósofo até à plena assunção da Teoria do Espírito Santo e de Deus como

Tudo e Nada, ou, melhor, como Tudo-Nada ou Nada-Tudo. Se tivéssemos que sintetizar o *quid* deste livro, exprimi-lo-íamos tanto pela redução do itinerário biográfico de Agostinho da Silva à incessante busca de uma espiritualidade redentora quanto pelo cúmulo de provas e argumentos carreados, forte e inabalavelmente, na defesa desta tese.

Deste modo, respeitando-a, mas submetendo a cronologia a um sentido estrutural mais fundo, existe uma coincidência entre a capitulação do livro e a evolução década a década do pensamento de Agostinho da Silva. O primeiro capítulo coincide com a década de 20; o segundo com a de 30; o terceiro com a primeira parte da década de 40; o quarto com a segunda metade desta década e a totalidade da década seguinte, e os dois últimos, tendo em conta a solidez do pensamento maduro de Agostinho da Silva a partir da década de 60, sintetizam a sua visão da espiritualidade religiosa e metafísica.

Neste sentido, o primeiro capítulo do livro de Romana Valente Pinho constitui o estudo mais desenvolvido (no sentido de minucioso e pormenorizado) sobre a obra de Agostinho da Silva da década de 20, princípios da seguinte, sobretudo no que incide sobre os estudos deste autor relativos às religiões antigas e às civilizações clássicas, evidenciando como estes estudos constituíram “um fundamento que se perpetua por toda a sua obra” (p. 48). Assim, não deixando de vislumbrar um carácter conservador na acção de Agostinho da Silva enquanto estudante, a autora, porém, discorda da tese de Joaquim Domingues que postula o jovem estudante Agostinho da Silva como um “monárquico assumido” (p. 49). Reafirmando o que escrevera no livro mais pequeno, a autora evidencia os valores gregos da Beleza e da Verdade como sustentáculos e vínculos fundacionais da obra de Agostinho da Silva, mesmo quando, a partir da década de 40, a teorização sobre a doutrina cristã se sobrepõe à influência da civilização grega. Do mesmo modo, e contra a tradição cultural portuguesa, Agostinho da Silva não desprivilegia o papel da ciência e da técnica na realização humana, considerando-o de vital importância para a concretização de uma futura e divina sociedade da abundância. Assim como com *Conversação com Diótima* (1944), Romana Valente Pinho sublinha o texto *A Comédia Latina* (1952) como momento superador do paradigma helénico. A partir desta data, Agostinho da Silva situa a civilização grega “entre a Idade de Ouro [momento primitivo da civilização, anterior à perversão social da introdução da propriedade privada, do Estado e da assunção da crença num Deus transcendente, efeitos conjuntos do sentimento de medo] e o Cristianismo” (p. 57), estádios ou momentos históricos que passa a privilegiar. O segundo capítulo aborda, igualmente de um modo minucioso, as importan-

tíssimas relações com António Sérgio na formação da obra de Agostinho da Silva: forte influência, mas não discipulato, eis a conclusão de Romana Valente Pinho, evidenciando como Agostinho da Silva se opõe a Sérgio na questão do sebastianismo e no desprezo que este nutria por um sentido metafísico da história de Portugal; porém, por outro lado, Agostinho sente fortes afinidades com o pensamento de Sérgio nos temas relacionados com as “vertentes políticas, sociais e pedagógicas” (p. 77). Em síntese, simpatia pelo empenho social e educativo sergiano, antipatia pelas ideias aristocratizantes (o “escol”) e racionalistas de Sérgio. No terceiro capítulo, a autora opera a aproximação de Agostinho da Silva ao socratismo de Leonardo Coimbra, ostentando igualmente uma aproximação daquele ao paradigma cristão da sociedade, como que mostrando que (1) através da identificação entre o Reino de Deus na Terra e a Idade de Ouro, (2) através da necessidade de elevação económica e cultural da população por via de um apostolado de divulgação científica e cultural, e (3) através da crença nas virtudes socialmente transformadoras da Escola Nova, Agostinho da Silva é levado a entrar em conflito com o regime ditatorial do Estado Novo. O capítulo IV estuda a integração de Agostinho da Silva no ambiente cultural do Brasil a partir de 1944 e o que este contribui para aprofundar e transformar as ideias trazidas da Europa. De realçar, neste capítulo, o estudo inédito sobre as relações entre o autor e o casal Dora e Vicente Ferreira da Silva e o classicista Eudoro de Sousa. Os capítulos V e VI tratam especificamente da religião e da metafísica no Agostinho da Silva maduro, isto é, a partir de finais da década de 50. Em primeiro lugar, a influência de Jaime Cortesão, escarpada minuciosamente no primeiro dos dois capítulos, fundamentalmente através do conceito de “humanismo universalista”, gerador do conceito agostiniano de “ecumenismo” (p. 177). Já com este pensamento firmado como sentido máximo da cultura portuguesa, Agostinho da Silva propõe a concretização organizativa desta na sua intervenção no Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, em 1959, no qual foi, por alguns, muito mal recebida, qualificada como “mística”. Do mesmo modo, e também ineditamente, Romana Valente Pinho analisa a configuração conceptual das relações entre as propostas do Luso-Tropicalismo de Gilberto Freyre e as de Agostinho da Silva (pp. 192 e ss.). É a partir da análise das relações entre Jaime Cortesão e Agostinho da Silva, e sobretudo a partir da pulsão franciscana deste, que a autora destacara nas obras anteriores ao período brasileiro, que Romana Valente Pinho introduz o tema do Espírito Santo na obra de Agostinho da Silva, já sintética mas esclarecedoramente tratado em *O Essencial...* Neste sentido, a Idade do Espírito Santo constituir-se-ia, do ponto de vista social, como um

reatamento com a genuína atmosfera democrática medieval da consolidação de Portugal, e, do ponto de vista metafísico e religioso, como a assunção da eternidade no tempo. Muito lucidamente, a autora faz convergir a influência franciscana espiritual em Agostinho da Silva (por via de Jaime Cortesão, mas obedecendo a ditames pessoais) com a vivência por Agostinho da religiosidade africana no Brasil (o candomblé – pp. 223 e ss.). Tudo sendo aspirado para o centro da teoria em construção de Agostinho da Silva, Romana Valente Pinho evidencia as diversas influências religiosas e metafísicas que o autor foi sofrendo, inclusive de iniciativa própria (a comunidade da serra de Itatiaia; o texto “Alcorão” de 1947...), as quais, a partir da década de 50, se concentram fundamentalmente em torno da assunção da Idade do Espírito Santo como novo conceito estilhaçante das antigas dicotomias religiosas e metafísicas produzidas pela Civilização Ocidental. Emerge então, a partir da década de 60, Deus como Espírito Santo ou como Tudo e Nada, imanente e transcendente, contínuo criador imprevisível do mundo, ou como “Deus sendo” – momento fundante na criação da paradoxologia de Agostinho da Silva, que, em simultâneo, aplicará aos momentos fundamentais da cultura portuguesa: a descrição da “Ilha dos Amores” de Camões, o Quinto Império vieirino e pessoano, bem como a experiência da pluralidade do eu neste último autor.

No último capítulo, Romana Valente Pinho, na linha de Paulo Borges, tematiza a influência do pensamento oriental na obra de Agostinho da Silva, reservando esta exclusivamente para o “taoísmo” e “algumas vertentes do budismo-zen” (p. 313).

Subdividindo o capítulo VI em seis pequenos subcapítulos, Romana Valente Pinho esclarece e sintetiza brilhantemente a teoria de Agostinho da Silva sobre Deus como “homem sendo”, como Absoluto cosmicizado, como ser que se revela como Tudo e Nada, isto é, como Tudo-Nada ou Nada-Tudo, como ponto eterno-temporizado sem espaço, embora cobrindo toda a materialidade. Este último capítulo estatui-se como um autêntico tratado sobre a teologia agostiniana.

A fechar, Romana Valente Pinho, socorrendo-se de textos inéditos de Agostinho da Silva, tematiza a “noção” de Mal neste autor, evidenciando a concordância entre a configuração metafísica deste conceito (o mal e o bem só existem *in abstracto*, perdendo o seu estatuto de conceito cristalizado e absoluto logo que se concebe a existência de um Princípio Único e uma finalidade última para o universo) e a metafísica agostiniana.

Miguel Real

Notas

- 1 MANSO, Artur. *Introdução ao Estudo da Vida, Obra e Pensamento de Agostinho da Silva*. Braga, Universidade do Minho, 1998 (policopiado); *Agostinho da Silva: aspectos da sua vida, obra e pensamento*. Porto: Estratégias Criativas, 2000; *Agostinho da Silva (1906-1994)*. Porto: Estratégias Criativas, 2006.
- 2 MOTA, Helena Maria Briosa e; CARVALHO, Margarida Larcher Santos. *Introdução ao Pensamento Pedagógico do Professor Agostinho da Silva*. Lisboa: Hugin, 1996. Prefácio de Manuel Ferreira Patrício.
- 3 EPIFÂNIO, Renato. *Visões de Agostinho da Silva: De Portugal e do Brasil – Da Galiza, da Ibéria e da Europa – Da Sociedade de Hoje e do Homem de Sempre*. Corroios, Portugal: Zéfiro, 2006.
- 4 BORGES, Paulo. *Línguas de Fogo: Paixão, Morte e Iluminação de Agostinho da Silva*. Lisboa: Ésquilo, 2006 (romance); *Tempos de Ser Deus: A Espiritualidade Ecuménica de Agostinho da Silva*. Lisboa: Âncora, 2006.
- 5 BRANCO, João Maria de Freitas. *Agostinho da Silva, um Perfil Filosófico: Do sergismo ao pensamento à solta*. Corroios, Portugal: Zéfiro, 2006.
- 6 CASTRO, Maria Teresa. *Agostinho da Silva: Naturalidade e Transcendência no Acesso a Deus*. Braga, Universidade do Minho, 2002 (policopiado).
- 7 ÉLLYS, Elizabete de Almeida. *Raízes Intemporais da Vida e da Alma de Agostinho da Silva*. Lisboa: Sete Caminhos, 2006.
- 8 FLÓRIDO, José. *Reencontrar Agostinho da Silva: O Poeta e o Poema*. Corroios, Portugal: Zéfiro: 2006; *O Caminho da Afirmação, o Caminho da Renúncia: Dois Percursos de Agostinho da Silva*. Corroios: Portugal Zéfiro, 2006.
- 9 Cf. REAL, Miguel. A Recepção da Obra de Agostinho da Silva (Anos 80 a 2006). In: AA. VV. *Actas do Congresso do Centenário do Nascimento de Agostinho da Silva* (a publicar).
- 10 PINHO, Romana Valente. *Religião e Metafísica...*, ed. cit., p. 16.
- 11 PINHO, Romana Valente. *O Essencial...*, ed. cit., p. 4.
- 12 *Id., ibid.*, p. 43.
- 13 *Id., ibid.*, pp. 54-55.
- 14 *Id., ibid.*, pp. 59-60.
- 15 *Id., ibid.*, p. 83.
- 16 PINHO, Romana Valente. *Religião e Metafísica no Pensar de Agostinho da Silva*, ed. cit., pp. 35-36.
- 17 *Id., ibid.*, p. 42.
- 18 *Id., ibid.*, p. 44.
- 19 Cf. BORGES, Paulo. *Tempos de Ser Deus: A Espiritualidade Ecuménica de Agostinho da Silva*. Lisboa: Âncora, 2006.